

# Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 9 - Ano 5 - Nº 9 - Janeiro / 2017  
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612  
[www.artezen.org](http://www.artezen.org)

## TEMAS LIVRES

### 13 –A ARTETERAPIA DELINEANDO NOVOS CAMINHOS: FACILITAR A INTEGRAÇÃO PESSOAL E FAMILIAR POR MEIO DO GENOGRAMA

Flora Elisa de Carvalho Fussi<sup>1</sup>

#### Resumo

Facilitar formas de conhecer a rede de sustentação/dificuldades para o cuidado do paciente, favorecendo a construção de vínculo, avaliando suportes e recursos existentes, no trabalho arteterapêutico, nesse diálogo, amplia-se o conhecimento das relações familiares. O genograma é um instrumento de identificação da dinâmica familiar, com suas possíveis implicações. Trazendo conjuntamente o ecomapa, que por meio da representação gráfica esclarece as relações familiares, dando sentido aos afetos. Mediado pela arteterapeuta, facilita a comunicação entre o mundo interno e a realidade familiar, a partir das formas e da “cor que eu gosto”. Cor que possibilita a cada um trazer sua percepção, num registro simbólico da história pessoal, como diz Guimarães (2009) com seus sabores e dissabores. Ao criar o genograma, abre-se à sensibilidade, a compreensão e a recepção dos sentidos ao novo. Sendo o desenho uma representação dramática com a intenção criativa, nessa duplicidade encontra-se a eficácia terapêutica (PAIN, 2009). O que leva a participação corporal, no gestual do desenho, incorporando o afeto. O desenho para Furth (2004), traz informações sobre quem o executa e essa informação pode ser aplicada também a outros membros familiares. Ampliando seu significado, “o material inconsciente que se origina na psique permanece na psique ao mesmo tempo em que se manifesta externamente em momentos de dificuldade” (p.31). Assim surge também no genograma, permitindo que ao ser simbolizado, deixe fluir a energia estagnada, pois ao ser acessada, pode ser trazida para a consciência, facilitando a elaboração de complexos.

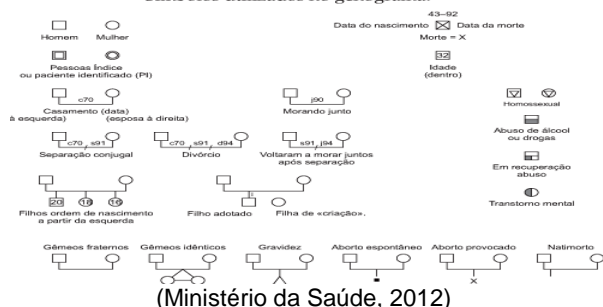
**Palavras-chave:** Arteterapia. Genograma. História pessoal.

<sup>1</sup>Flora Elisa de Carvalho Fussi – Arteterapeuta ABCA Nº 003/0301, Arte Educadora, Me Ciências da Educação, Especialista em Atendimento Psicoterapêutico em Psicanálise, Pós-Graduada em Curso Violência na Saúde, Ex-Presidente e atual Vice-Presidente e membro fundador da Associação Brasil Central de Arteterapia – ABCA, membro fundador da UBAAT. Arteterapeuta da Prefeitura Municipal de Goiânia no CAPS – Novo Mundo. Autora de vários artigos em Arteterapia.

Trabalho como Arteterapeuta num Centro de Atenção Psicossocial – CAPS, e durante uma reavaliação do serviço, revendo a elaboração do Projeto Terapêutico Singular (PTS) dos pacientes – que vem a ser, uma prática integrada e visa à construção de ações interdisciplinares de cuidado, onde cada membro da equipe dispõe de seu saber e suas técnicas. Por ser uma prática transversal da clínica ampliada, é preciso um diagnóstico multiaxial, onde as referências e observações sobre os pacientes ou as famílias, surgem da troca de ponto de vista entre os diversos profissionais. “O diagnóstico multiaxial revela quais são as raízes dos problemas enfrentados pela família biopsicossocial” (SCHLITTLER.; CERON; GONÇALVES, s/d, p. 64). Ficou acordado com a equipe, que iríamos utilizar o genograma como Instrumento de identificação da dinâmica familiar, devido suas possíveis implicações.

Iniciamos sua utilização, com os profissionais fazendo a construção do genograma. Foi aí que tive a ideia de utilizar cores para melhor identificar os familiares e as relações, mas essa atividade ainda me inquietava. O genograma (Fig.1) é extremamente esclarecedor, mas sentia que podia obter mais informações a respeito não só da família, mas do próprio paciente.

Fig. 1 Genograma  
Símbolos utilizados no genograma.



Foi quando passei a deixar o próprio paciente fazer o seu genograma, repassando os dados mínimos para sua elaboração e acrescentando que poderiam fazer na folha dividida ao meio para facilitar sua execução, mas que poderiam escolher o lado que quisessem para representar a família paterna e a materna, bem como decidirem sobre os símbolos que representassem os familiares, incluindo, se quisessem, colocar o cachorro, o gato e o papagaio, digo brincando, mas falando sério. Visto que os gatos e cachorros são importantes no tratamento de pessoas com transtorno mental, Nise da Silveira os introduziu no Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II no Rio de Janeiro, como co-terapeutas, para beneficiar o convívio dos pacientes esquizofrênicos com essa interação (SANTOS,1994). Se necessário recebem ajuda ou apoio da Arteterapeuta, ou do grupo para construir o genograma.

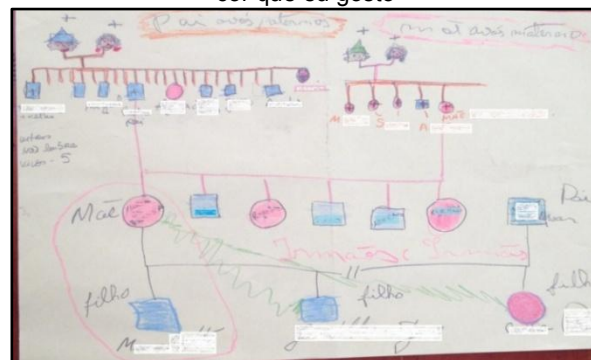
A partir desse dia peço para os pacientes nas Oficinas de Arteterapia do CAPS (que atente

adultos com transtorno Mental, de moderado a grave) construir o genograma a partir das formas e da “cor que eu gosto”. Dando a possibilidade de cada um trazer sua percepção em relação a sua família e a ele próprio, fazendo um registro simbólico da história pessoal. Buscando nesse colorido, como refere Guimarães (2009) seus sabores e dissabores.

Ao término da confecção do genograma, é pedido uma representação gráfica que esclarece também as relações familiares, o ecomapa, que em minha percepção, dá sentido aos afetos, possibilitando visualizar a relação entre o mundo interno e a realidade familiar. A consigna é que escolham um membro da família com quem se relacionem melhor e se liguem a ele, contornando as duas pessoas (com a cor escolhida). Para em seguida pedir que referenciem o familiar com o qual tenham dificuldade de relacionamento, escolham uma cor e com ela criem uma forma para referenciar. Ou conforme o que queremos saber, podem também referenciar os moradores da mesma casa, entre outras possibilidades. Ao incluirmos estas relações agregamos o ecomapa, que demonstra as relações, que podem ser familiares ou sociais.

No genograma<sup>2</sup> (Fig. 2) foi pedido para demonstrarem o relacionamento com um membro da família com quem se relacionem melhor, que foi representado pela paciente com a cor rosa, contornando a ela e a um filho. E depois o familiar com o qual tenham dificuldade de relacionamento, que foi representado com a cor verde, apresentando uma dificuldade com a filha (linhas mais pontiagudas) e menor dificuldade com o filho (linha mais sinuosa). Ressaltando a importância que ela dá aos avós (paternos e maternos) que foram representados pelo rosto, segundo ela, foi criada pela avó materna).

Fig. 2 – Genograma construído a partir das formas e da “cor que eu gosto”



Fonte: Arquivo da autora

Se for preciso que mais informações sejam disponibilizadas, peço também a escrita criativa, ou seja, uma escrita livre, sem censuras, ou

<sup>2</sup> Os nomes de todos os pacientes e familiares dos genogramas foram apagados.

preocupação com a exatidão da escrita oferecendo via de acesso ao inconsciente. Para que aflorem na consciência e no processo arteterapêutico é importante “escrever para compreender a si mesmo...” (PHILIPPINI, 2009, p.111).

Com o genograma em mãos, conforme Riley nos traz, “confiamos nas informações silenciosas fornecidas pelas ilustrações visuais da narrativa, que informam sobre nossas contribuições e observações. [...] Esta combinação resulta na criação de visões alternativas da história do cliente” (RILEY, 1988, p.11).

Neste caso (Fig.3), MF representa a família materna do lado esquerdo, voltado às emoções e a família paterna do lado direito, voltado à razão (Furth, 2004). E a representação de sua família (filhos e companheiros) do lado esquerdo, que podemos observar de forma bastante confusa. Conforme foi desenhando, referiu ter sofrido muita violência e maus tratos na infância.

Fig. 3 – Genograma de MF

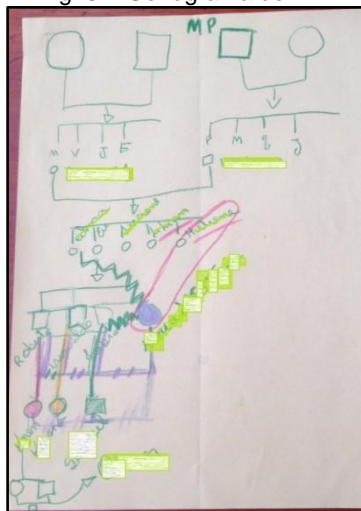


Fig.4 – Genograma (filho)



Fonte: Arquivo da autora

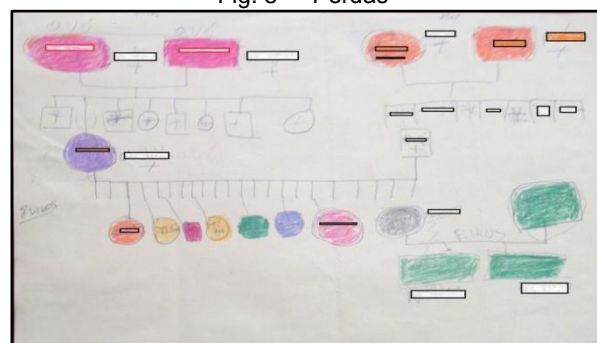
MF chega ao CAPS, apresentando-se confusa e com ideias persecutórias (não nos passa seu sobrenome ou endereço, com medo de ser encontrada. E traz junto consigo o filho de 8 anos). É encaminhada para a Arteterapia,

trazendo o filho junto, pois tem medo de se separar dele e ele sofrer algum mal. Os dois são recebidos pelo grupo, quando foi feito um acordo com todos, da criança participar dos atendimentos (ele fica desenhando ou pintando e gosta de seguir a consigna trazida), até o momento do fechamento, nessa hora MF fecha seu trabalho somente comigo e sai com a criança.

Neste dia, seu filho fez o seu genograma (Fig. 4) trazendo a mãe triste e seu pai e escreveu “meu pai me abandonou”, para Furth (2004) a escrita no desenho define com maior clareza o conteúdo transmitido. E mais abaixo da folha traz seus irmãos, acrescentando os amigos. Ao terminar, conta a sua história e me dá seu desenho de presente. Atualmente MF não traz mais o filho ao grupo, leva-o para acompanhamento em outra instituição especializada em atendimento infantil.

Na Arteterapia o genograma permite um diálogo junto ao trabalho arteterapêutico, ampliando o conhecimento das relações familiares. Na Fig. 5, aparece uma relação pautada na tristeza, que podemos observar nas sombras do traçado e são esclarecidas pela paciente, sem que fosse pedido, num diálogo espontâneo durante o fechamento que, para ela foi um ano de muitas perdas por morte, tio, tia, mãe... A confecção do genograma possibilitou também a elaboração desses sentimentos, diminuindo a cisão entre consciente e inconsciente (URRUTIGARAY, 2008). A tristeza trazida à tona restaura um canal de comunicação ao ser concretizada.

Fig. 5 – “Perdas”



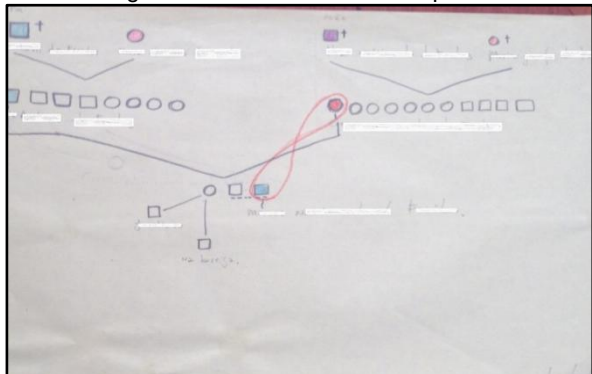
Fonte: Arquivo da autora

Outro ponto importante é que nos permite conhecer a rede de sustentação (Fig.6). Podemos observar que falta algo no desenho... exatamente a falta de contato, não encontramos ligações entre as pessoas, exceto entre o pai e a mãe. P se representa em azul claro, que simboliza a sensibilidade psíquica e expressa senso artístico e estético na vida diária (ele é artista), a autocura. O vermelho com o qual representa a mãe e a boa relação entre eles, sugere cor de energia vital, da decisão e para Kandinski alegria, cor do fogo – da transformação. Representa as avós em rosa (uma suavização do vermelho), ele e o pai e o avô



paterno com o azul, numa identificação e o avô materno em violeta que traz a união do azul e vermelho – corpo e espírito, da síntese entre os opostos – cor do conflito de adolescente em relação aos pais, que ele sugere com o avô (PUVIANI, 2013).

Fig. 6 - O símbolo leva ao complexo.

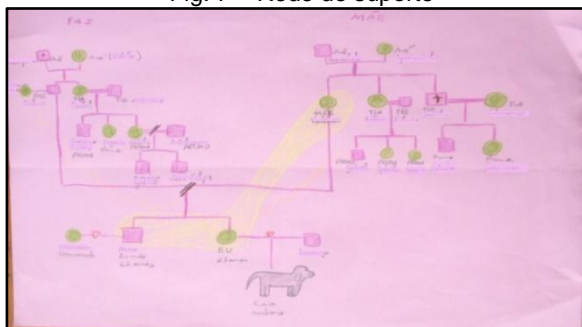


Fonte: Arquivo da autora

Ao conversarmos com o paciente sobre a produção é preciso lembrar a necessidade do cuidado com as palavras, para evitar a distorção não intencional, da própria censura verbal dele (RILAY, 1998). E para compreendermos melhor o próprio genograma, nos perguntamos o que está cheio e o que está vazio, como se dão estas relações? O que está sublinhado, demonstrando a dificuldade? (FURTH, 2004). A relação que aparece está tracejada – “não me dou com esse irmão – ignoro” - Por meio do símbolo chegamos ao complexo, o qual o problema se mistura (RILAY, 1998). Ao mesmo tempo, o símbolo do infinito, mostra a única relação, com a mãe, ajudando a esclarecer um possível diagnóstico.

O genograma nos permite ver com clareza as redes de suporte (Fig. 7) e o quanto elas são importantes para o equilíbrio emocional tanto da pessoa quanto da família. Neste genograma, feito por uma estagiária (o CAPS recebe alunos, contribuindo para a formação acadêmica), o cão aparece como parte de uma importante relação amorosa, que é destacada por um coração. Para Silveira (2001) o cachorro traz emoções simples e diretas, agradáveis ao balançar sua calda ou demonstrando desprazer ao latir.

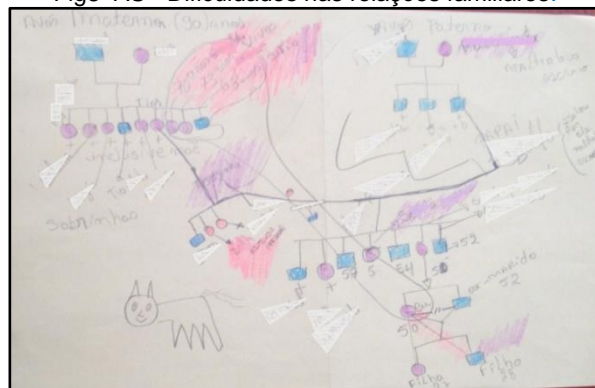
Fig. 7 – Rede de suporte



Fonte: Arquivo da autora

Demonstra também as dificuldades na relação (Fig.8), na folha excessivamente preenchida, Furth (2004) sugere a pessoa estar transbordando energia ou fazendo uma supercompensação. Em sua fala AS traz a agressividade contida ao se referir à sua crise na adolescência (andava sem roupa). Depois recorda: “levei muita pancada” – “difícil reviver situação familiar da vida, mexer com o passado”. Em criança teve brigas muito sérias com o irmão e a situação de abuso de um tio. O genograma na Arteterapia leva a uma leitura simbólica da imagem, para Urrutigaray (2008) permitindo à pessoa lidar com seus conteúdos internos e vivenciar sua própria experiência.

Fig8-AS - Dificuldades nas relações familiares.



Fonte: Arquivo da autora

O gato traz o simbolismo do feminino e do homem em suas qualidades varonis, é corajoso, insubmisso (SILVEIRA, 2001). E é nesse sentido que AS o traz, percebe-se isso no decorrer de suas falas e atitudes.

Assim, conteúdos expressos na construção do genograma permitem a percepção das sombras, possibilita, por meio do material artístico utilizado, permitindo ao inconsciente se manifestar de forma construtiva levando à integração da psique (URRUTIGARAY, 2008), onde cada um segue seu processo de individuação, ao se perceberem, permitindo-se sair da sua zona de conforto, desvelando partes de si.

Um outro estudo (Fig. 9) demonstra a possibilidade da paciente se abrir à sensibilidade, a compreensão e a recepção dos sentidos ao novo. M relata, ao fazer o genograma, a dificuldade de fazer a menção ao tio paterno. Sua produção tem sua maior parte desenhada do lado esquerdo da folha, onde representa a família paterna. Não traz os vínculos familiares, demonstra em sua fala estar dominada pelas emoções, num relacionamento pautado pela dor. O tio, ao qual refere dificuldade de relacionamento, é representado com a ausência de cor, que para Furth (2004) manifesta sentimentos reprimidos.

O forte sombreado do traçado na relação difícil com esse tio, sugere a fixação e a ansiedade sobre o que o objeto representa simbolicamente,

com grande energia despendida. Uma obstrução de energia, onde a escrita no próprio desenho reforça o sentimento, “tio que eu não gosto”. Houve uma tentativa de abuso, por parte deste, situação que desencadeou sua crise.

Fig.9 – Possibilidades

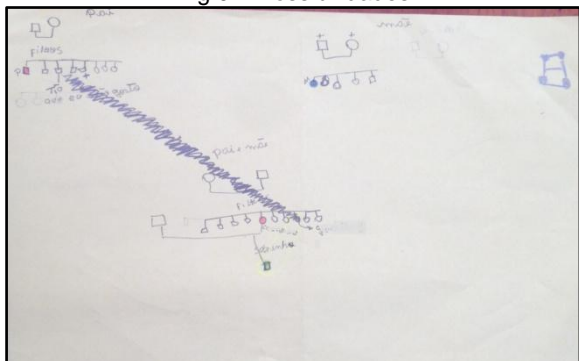


Fig. 10 – Raiva



Fonte: Arquivo da autora

Ao buscarmos o simbolismo das cores encontramos a representação do pai em vermelho, cor de sangue (dito por ela), referindo perigo. A representação da irmã, na cor rosa, “cor que detesto”. Diante do quadro apresentado, foi pedido que representasse em outra folha, a sua raiva (Fig. 10). Por ser o desenho uma representação dramática com a intenção criativa, nessa duplicidade encontra-se a eficácia terapêutica (PAIN, 2009). M traz sua energia ou libido no desenho com giz de cera preto, uma “intensidade do processo psíquico, seus valores psicológicos” (JUNG, 1976, apud FURTH, 2004, p.37) rabiscando com muita força, até se cansar. Confirmando os dizeres de Riley “o ato de fazer arte em si, inclui não só construir uma imagem, mas pode incluir destruição e eventual reconstrução dos elementos contidos numa imagem” (1998, p.19).

Voltando à representação do genograma (Fig. 9), que nos possibilita avaliar recursos existentes, percebe-se que M não se identifica nominalmente, mostra-se triste na maioria das vezes e está sempre falando e pensando na possibilidade de morrer, porém, coloca-se na figura central da folha, demonstrando uma possibilidade de recurso, visto que já há algum

tempo faz parte do atendimento em Arteterapia, podemos perceber melhora em sua autoestima.

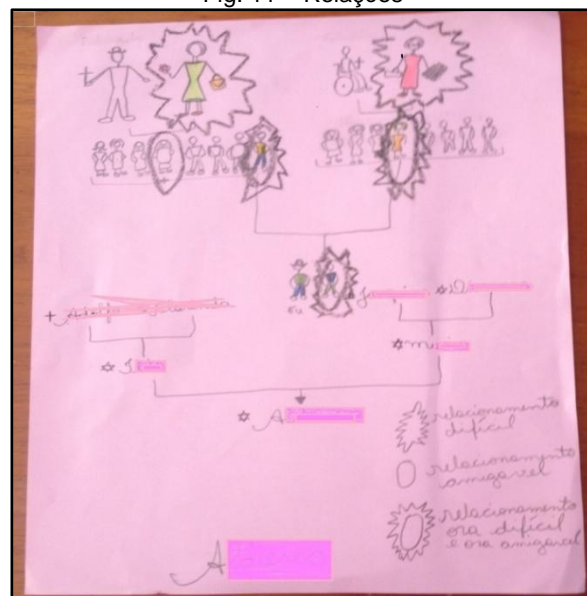
O outro recurso encontrado é o sobrinho (2 anos) que é representado em amarelo esverdeado claro, cor que simbolicamente para Furth (2004) refere situação precária de vida frágil, e ao pedirmos que traga uma pessoa com quem se relaciona bem, demonstra o elo com a cor amarelo claro neon, trazendo um recurso, porém frágil. Para Marletta (apud PUVIANI, 2013) o amarelo representa a capacidade de escolha num processo de crescimento. Na época trabalhamos a possibilidade dela ajudar a cuidar desse sobrinho junto com a irmã, ela aceitou.

As informações permitem que, ao serem simbolizadas, deixem fluir a energia estagnada. A energia quando acessada, pode ser trazida para a consciência, facilitando a elaboração de complexos.

Podemos perceber que na confecção do genograma com o ecomapa, o gestual do desenho leva a participação corporal, que possibilita incorporar o afeto. O desenho efetuado nos traz informações sobre quem o executa e essa informação pode ser aplicada também a outros familiares, conforme narra Furth (2004).

O genograma com ecomapa, elaborado com a criatividade do paciente nos permitiu perceber que “o material inconsciente que se origina na psique permanece na psique ao mesmo tempo em que se manifesta externamente em momentos de dificuldade” (FURTH, 2004, p.31).

Fig. 11 – Relações



Fonte: Arquivo da autora

Essa criatividade demonstrada no desenho (Fig. 11) é também levada para a vida pessoal e familiar, o que nos faz buscar Winnicott “a criatividade é própria do estar vivo – de tal forma que, a não ser que a pessoa esteja em estado de repouso, ela está sempre tentando, de algum

modo, alcançar algo, de maneira que, se houver um objeto no caminho, poderá haver um relacionamento” (1989, p. 33).

RS nos mostra seu relacionamento com sua família hora difícil (Fig. 11) e hora amigável. Deixando bem claro na legenda, essas relações, bem como na cor utilizada, onde o amigável é desenhado com a cor preta (do lápis de cor). Buscando seu simbolismo em Puviani (2013), esta representa tanto a cor das trevas, do inconsciente, da tristeza, absolutismo, quanto a cor dos heróis, personagens fortes, com poder. A relação com os pais está demonstrada de forma encapsulada, mas traz nas roupas a cor amarela trazendo a capacidade de escolha num processo de crescimento entre ele e seus pais (MARTELLA, apud PUVIANI, 2013), visto que seu irmão não está vinculado a ninguém.

RS coloca-se junto com o irmão no centro da folha, num lugar de destaque, de importância. Mas RS está encapsulado, assim como seus pais e as duas avós, Furth (2004) coloca a encapsulação como uma prisão, colocar limites ao redor de si, ficar longe. Demonstrando necessidade de proteção, tem medo ou o que à sua volta o prende.

É importante observarmos o valor expressivo, simbólico e narrativo nessas imagens, pois para Puviani (2013) o desenho torna visível os mundos internos e as relações externas, comunicando-nos os problemas e as soluções, pois as imagens são transformadoras.

No momento do fechamento, quando conversamos sobre a produção, os pacientes estavam bastante interessados: R refere que foi “interessante, abriu a mente... Ver a família como um todo”. MF diz “gostei”, ficou curiosa, pois não sabia o nome dos avós, disse que iria perguntar para a mãe. A traz uma “lembrança boa” (da tia que já morreu), trouxe também a briga com a família, mas que na hora que precisam, defende-os. Já para F, “foi difícil, porque não conheci amor de mãe” (foi criada pela avó, pela qual tem muita estima). M relata: “perceber os relacionamentos no papel abre a mente”. D menciona “lembrei que reclamava da bagunça da família, mas hoje vi que gosto” (está longe da família).

Foi possível perceber que o genograma desenvolvido em grupo, favorece trabalho de inclusão do paciente, seja em sua valorização pessoal, familiar ou ao se perceber pertencendo aos relacionamentos familiares. É um exercício de tolerância, tanto em relação ao outro durante o grupo, como aos familiares, que é percebido em suas falas. Ficou claro o fortalecimento dos vínculos, tanto com a Arteterapeuta quanto com o grupo, pois puderam dividir suas dores, seus segredos, suas alegrias.

## Referências:

- FURTH, G.M. **O mundo secreto dos desenhos, uma abordagem junguiana da cura pela arte.** São Paulo: Paulus, 2004.
- GUIMARÃES, G. N. (Org.) **Arte-terapia e educação: a arte de tecer cuidados e afetos.** Porto Alegre: Laços, 2009.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Caderno de Atenção domiciliar.** vol 2. DF: 2012.
- PAÍN, S. **Os fundamentos da arteterapia.** Vozes, Rio de Janeiro: Petrópolis, 2009.
- PHILIPPINI, A. **Linguagens e materiais expressivos em arteterapia.** Uso, indicações e propriedades. Rio de Janeiro: Wak, 2009.
- PUVIANI, V. **O uso do desenho no trabalho clínico com crianças.** Teoria e técnica. Belo Horizonte: Artesã, 2011.
- RILEY, S. **Arteterapia para famílias: Abordagens integrativas.** São Paulo: Sumus, 1998.
- SANTOS, L. G. P. **Entrevista Nise da Silveira .** Psicol. cienc. prof. vol.14 no.1-3 Brasília 1994; [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98931994000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931994000100005) Acesso em 30/1/2016.
- SCHLITTLER, A. C. B.; CERON, M.; GONÇALVES, D. A. **Famílias em situação de vulnerabilidade ou risco psicossocial.** Especialização em Saúde da Família. Módulo Psicossocial. UNA-SUS | UNIFESP [http://www.unasus.unifesp.br/biblioteca\\_virtual/esf/1/modulo\\_psicossocial/Unidade\\_18.pdf](http://www.unasus.unifesp.br/biblioteca_virtual/esf/1/modulo_psicossocial/Unidade_18.pdf) Acesso em 22/10/2016.
- SILVEIRA, N. (1992). **O mundo das imagens.** São Paulo: Ática, 2001.
- URRUTIGARAY, M. C. **Arteterapia. A transformação pessoal pelas imagens.** 4º ed. Rio de Janeiro: 2008.
- WINNICOTT, D.W. Tudo Começa em Casa. In: **O conceito de indivíduo saudável;** vivendo de modo criativo; a imaturidade do adolescente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.